

OS GRUPOS CERAMISTAS DA SERRA DA BARRIGA: CARACTERIZAÇÃO DA TECNOLOGIA CERÂMICA NO CONTEXTO DA TRADIÇÃO ARATU

Rodrigo Lessa Costa

INTRODUÇÃO

Na década de 1990 empreenderam-se as primeiras pesquisas arqueológicas na Serra da Barriga. Os arqueólogos Charles Orser, Michael Rowlands e Pedro Funari buscavam compreender o funcionamento do Quilombo dos Palmares, reconhecido pela historiografia como maior símbolo de resistência a sociedade escravista do século XVII (FREITAS, 1990). Allen (2001), entretanto, percebeu uma presença relevante de populações indígenas através das semelhanças entre a cerâmica encontrada no sítio e a cerâmica indígena presente por todo o Nordeste, descrita por Martin (2005). Pesquisas intensivas foram realizadas por Allen e equipe nos anos que se sucederam, reunindo um acervo de dezenas de milhares de artefatos, sobretudo, cerâmicos.

262



O desenvolvimento dessa pesquisa visou investigar a seguinte questão: qual o perfil cerâmico do sítio Serra da Barriga? Esse questionamento se deveu ao fato de as pesquisas na região estarem num estágio embrionário e à necessidade de padronizar o método desenvolvido por Alves (1990) no Brasil, o que virá a facilitar comparações intersítios. Procurou-se também entender como os aspectos tecnológicos e morfológico-funcionais se relacionam no perfil cerâmico do sítio SBI? Desta forma o objetivo da pesquisa foi reunir as características da cerâmica desenvolvida pelos grupos que ali habitaram, avaliando, quando possível, as relações entre os dois níveis de análise: fragmento e objeto. A hipótese levantada foi que a cerâmica em estudo se assemelharia à cerâmica da tradição Aratu descrita por Calderón (1971). A metodologia classificatória exposta por Dunnel (2006) foi utilizada na vertente da *Classificação paradigmática*, tendo sido eleitos como atributos definidores: “tratamento de superfície” e “antiplástico”. Por meio das combinações destes atributos, possibilitou-se a criação de *tipos tecnológicos* que poderão ser utilizados como Parâmetros em estudos comparatórios posteriores na região.

A TRADIÇÃO ARATU

Os principais conceitos classificatórios utilizados na pesquisa arqueológica no Brasil até hoje foram estabelecidos em meados da década de 1960 pelo Programa Nacional de

Pesquisa Arqueológica (PRONAPA). De acordo com Chmyz (1976: 146), o conceito de **tradição** diz respeito a um: “grupo de elementos ou técnicas com persistência temporal”, o termo remete às ideias difusionistas vigentes até a década de 1960, em que “tradições” seriam transmitidas de geração em geração entre grupos semissedentários e que através das migrações difundiriam as habituais técnicas de confecção da cerâmica, por exemplo. Já o termo **fase** que na hierarquia taxonômica “pronapista” figura abaixo do termo tradição, discutido anteriormente, diz respeito a “qualquer complexo de cerâmica, líticos, padrões de habitação, etc., relacionados no tempo ou no espaço, em um ou mais sítios”.

A tradição Aratu foi identificada na década de 1960 por Valentin Calderón (1971) no recôncavo baiano, litoral norte e região ocidental da Bahia e por Celso Perota (1971) no Norte do Estado do Espírito Santo. Prous (1992:343-364) assinala também a presença desta tradição noutros Estados do Nordeste como em Sergipe, Rio Grande do Norte, Ceará e Alagoas e até mesmo em outras regiões do Brasil nos Estados de Minas Gerais, Goiás, Mato Grosso e norte de São Paulo. Com base em comparações etnográficas e nos relatórios do PRONAPA, Prous fez uma breve descrição dos grupos pertencentes a tradição Aratu:

Em alguns sítios os fundos de cabana de 10 x 15 m de diâmetro em geral formavam alinhamentos ou círculos ao redor de uma praça central (...) lembrando muito as atuais aldeias dos grupos Macro-Jês, do Brasil Central, (Kayapós, Xavantes) e Otukê (Bororos). Ao redor ou enterradas no solo das habitações, há numerosas urnas funerárias dispostas em grupos de duas ou mais (...) As urnas funerárias são sempre piriformes (“em forma de pêra”invertida), e as dimensões médias são de 75 cm de altura por 65 cm de bojo, com abertura da ordem de 45 cm (Prous, 1992:343).

Algumas das urnas são cobertas por opérculos (vasilhames menores que serviam como tampas). As fases enumeradas para a Tradição Aratu são:

Tabela 1: Cronologias das Fases pertencentes a tradição Aratu (adaptado de Simões, 1972)



Tabela 1: Cronologias das Fases pertencentes a tradição Aratu (adaptado de Simões, 1972)

FASE	DATAÇÃO	TIPO DE DATAÇÃO (ABSOLUTA/RELATIVA)
Aratu	A.D 870 ± 90 e A.D 1360 ± 40	Absoluta
Itanhém	A.D 1500-1600	Relativa
Gurabu	A.D 800-1300	Relativa
Itaúnas	A.D 1730 ± 75	Absoluta
Jacareípe	A.D 1345 ± 70	Relativa
Serra da Barriga	A.D 1050 ± 67	Absoluta

Mesmo não considerando uma fase Serra da Barriga, a inclusão da datação obtida para o sítio Serra da Barriga (SB1) no quadro de cronologias da tradição Aratu é importante para reificar a filiação do mesmo nesta tradição. Nota-se que as fases cujos sítios estão localizados no litoral possuem uma cronologia mais recuada o que reforça a hipótese de Calderón de que os grupos portadores da tradição Aratu devem ter partido do litoral em direção ao interior.



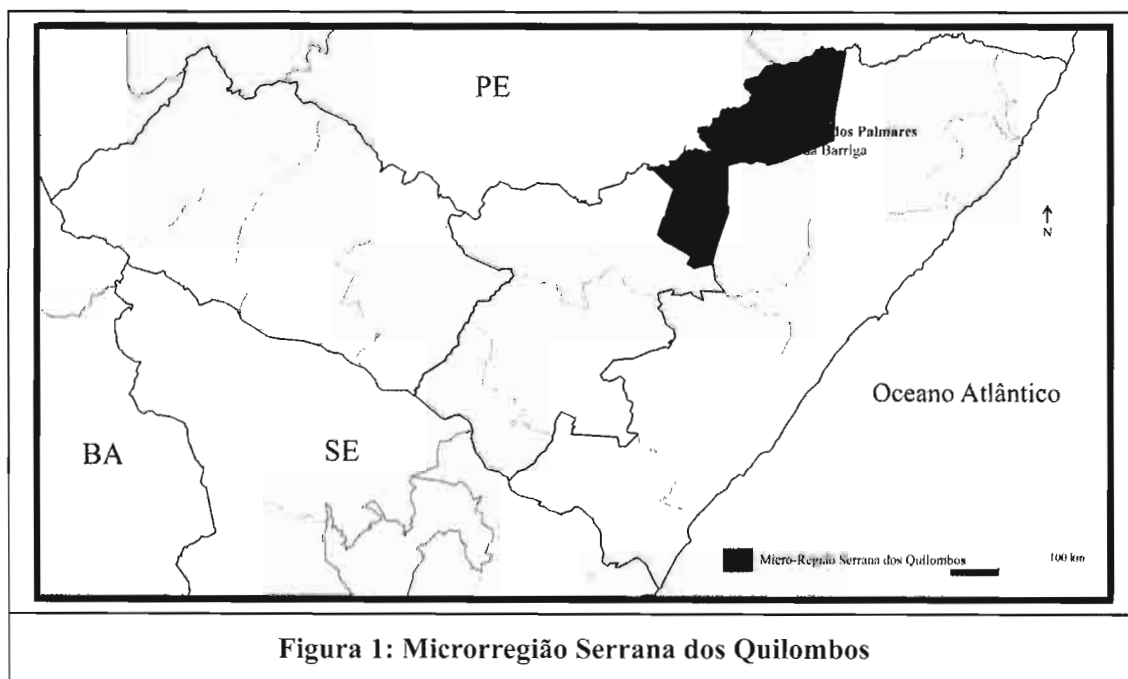
PESQUISAS COM CERÂMICA ARQUEOLÓGICA EM ALAGOAS

Em Alagoas, as pesquisas arqueológicas começaram de forma tardia em relação aos outros Estados brasileiros, sobretudo, devido à sua não inclusão no PRONAPA. A presença de vestígios e sítios pré-históricos, entretando, tem sido assinalada desde o final da década de 1930 a partir das breves descrições de autores como Brandão (1937) e Antunes (1973) e, posteriormente, em laudos de vinculação de posse agrária e por trabalhos de salvamento e resgate arqueológico (LIMA, 1990; VERGNE, 1998; LIMA, 2006), exce-
tuando os trabalhos sistemáticos na Serra da Barriga.

A SERRA DA BARRIGA: LOCALIZAÇÃO

A Serra da Barriga é famosa por ter abrigado o núcleo do Quilombo dos Palmares, um dos principais redutos de escravos fugitivos no séc. XVII. Curiosamente as pesquisas arqueológicas não têm encontrado indícios factuais da localização do quilombo. Essa tem sido a razão de uma forte influência política presente nos direcionamentos da arqueologia

empreendida desde 1992 até 2008¹. Localizada a 550 metros de altura em relação ao nível do mar e a 9 km do município de União dos Palmares, Zona da Mata alagoana, microrregião Serrana dos Quilombos (ver figura 1). No platô da Serra da Barriga, a 500 metros de altura, está o sítio principal da Serra da Barriga que aqui será tratado de forma homônima, por SB1 ou pela designação do cadastro oficial do IPHAN, ALUDPSB1. Além de União dos Palmares a microrregião Serrana dos Quilombos abrange os municípios de Chã Preta, Santana do Mundaú, Viçosa, Ibateguara, São José da Laje e Pindoba. Banhada pelo Rio Mundaú, compreende um número de serras, a maioria menos elevada do que a Serra da Barriga. Pesquisas recentes (ALLEN, 2010) apontam para possíveis ocupações indígenas em grande parte dessas serras.



CONTEXTO ARQUEOLÓGICO

Nas primeiras pesquisas na Serra da Barriga os arqueólogos Orser e Funari localizaram um total de 14 sítios e recolheram cerca de 3000 artefatos (ALLEN, 2006:84). Estes arqueólogos estavam à procura de determinados marcadores culturais e por isso realizaram analogias precipitadas entre a cerâmica da Serra da Barriga, particularmente as urnas funerárias, com cerâmica utilitária africana (ALLEN, 2000 e 2009).

¹ Para um melhor entendimento ver Allen (2000, 2001 e 2006)



Durante décadas realizaram-se no sítio terraplenagens anuais que criaram uma falsa estratigrafia removendo as camadas iniciais (possivelmente de uma ocupação palmarina) e acumulando-as nas regiões periféricas do sítio. As raspagens realizadas, sobretudo, na Área A e na estrada de acesso ao platô, além de misturar a estratigrafia, arrancaram grande parte das bordas das urnas funerárias. O peso das máquinas também esmagou muitos vasilhames e empurrou os opérculos das urnas para dentro, permitindo a entrada de sedimento dentro das mesmas, o que praticamente inviabilizou a preservação dos restos mortais inumados. A agricultura, apesar de ser também considerada como uma ação destrutiva do registro arqueológico, foi bem menos danosa. Assim nas áreas de agricultura os vasilhames quebraram em menos pedaços, mantiveram-se mais próximos ao seu contexto original e as bordas se conservaram.

Allen (1995) levou em consideração mudanças na topografia, registro arqueológico e estratigrafia e diagnosticou 5 sítios, designados SB1, SB2, SB3, SB4, SB5. O sítio SB1, que é o principal sítio da Serra da Barriga, foi dividido em Áreas (A, B, C, D, E, F, G).

A Área G, que revelou um “ piso de ocupação ” por ter sido aparentemente menos danificada pela atividade antrópica, foi a Área escolhida para representar todo o sítio nesta classificação.

No ano de 2006, foram realizadas as primeiras intervenções nesta Área: 13 quadrículas de 1 x 1 foram escavadas e revelaram a presença de um piso orgânico (VG1) relacionado a uma intensa ocupação (ALLEN, SURYA e COSTA, 2007). A partir da escavação dessas quadrículas foram formadas duas trincheiras de delimitação a norte e a oeste do sítio. Na quadrícula N935 L1075 uma camada erosiva transportada das cotas mais altas do sítio se sobrepôs ao VG1 e na quadrícula seguinte o vestígio encerrou-se a oeste, dando segmento a estratigrafia convencional do sítio. Em 2009 foram realizadas outras intervenções nesta Área, o relatório encontra-se em fase de conclusão.



Barra da Barra (AL-UDP-SB I)
Intervenções Arqueológicas
2005-2009

Área A
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

Área B
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

Área C
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

Área D
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

Área E
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

Área F
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

Platô
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

Pátio
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

Legenda
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

Escala
 Estruturação da área de ocupação humana e a infraestrutura urbana (2005-2009)

267


BASE METODOLÓGICA

Para testar a hipótese em questão o principal passo consistiu na realização de uma classificação – perfil cerâmico – que caracterizou, a partir dos artefatos analisados, as técnicas e materiais utilizados pelos grupos ceramistas no momento da confecção. A definição de classificação utilizada foi a de Dannel (2007). De acordo com este autor tem-se por classificação: *o processo de criação de unidades de significado por meio da estipulação de redundâncias* (Dannel, 2007:98).

Dannel (2007) desenvolveu um estudo aprofundado sobre classificação e como esta metodologia deve ser utilizada adequadamente na arqueologia. Seguiu-se neste trabalho sua metodologia na vertente da *classificação paradigmática*.

A *classificação paradigmática* é norteada pelo conceito de *dimensão*. Uma dimensão é um conjunto de atributos ou feições de um determinado indivíduo que por forças da lógica não podem ocorrer ao mesmo tempo (ibdem:100). Por exemplo, o vasilhame *n* de forma ovóide não pode apresentar ao mesmo tempo forma de cone, ou seja, cada indivíduo pode apresentar apenas uma feição da dimensão por vez, não existindo ambiguidades. A classificação paradigmática é em sua totalidade dimensional, ou seja, seus atributos são excludentes e não podem co-existir em um mesmo objeto no espaço e no tempo, os atributos se relacionam e as classes se formam através de intersecção. O número de classes será igual ao número de combinações possíveis entre os atributos enumerados. Os atributos não são hierarquizados e possuem a mesma relevância. Assim supõe-se que: O campo X possui dois atributos definidores A e B, o atributo A apresenta as feições 1 e 2; e o atributo B possui as feições “x” e “y”. Assim as classes serão: A1Bx, A1By, A2Bx e A2By.



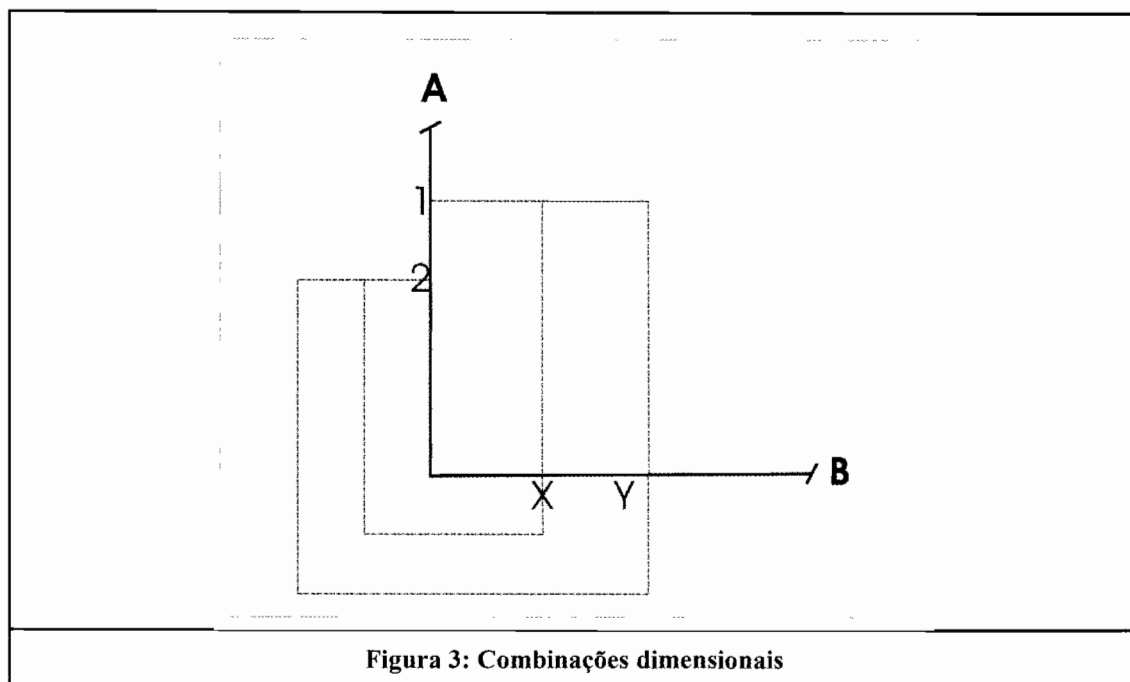


Figura 3: Combinações dimensionais

O PERFIL TÉCNICO

Em 1990, Alves desenvolveu uma proposta de como abordar o material arqueológico, sobretudo, cerâmico introduzindo o termo “perfil técnico” adaptado do registro rupestre (ALVES, 1990; OLIVEIRA, 2000:106). De acordo com essa proposta, a cultura é abordada em uma perspectiva sistêmica, em que a reconstituição dos elementos que compõe um dado perfil e de suas relações internas e externas possibilitam a organização de categorias às quais se atribui o rótulo de grupo cultural (OLIVEIRA, 2000: 97). De acordo com esse autor, “(...) a cultura material dela [cultura] faz parte e reflete os subsistemas, permitindo que através do seu estudo possamos hipoteticamente alcançarmos maiores conhecimentos” (OLIVEIRA, 2000:97).

Um sistema cultural é composto por um número de variáveis que controlam o comportamento dos grupos, como: meio ambiente, religião e tecnologia. Mesmo com limitações, a variável que está ao alcance da arqueologia é a tecnologia, e é através da reconstituição desta que o arqueólogo pode inferir as outras. Segundo Miller (2007:7), o termo *tecnologia* inclina-se a estudar as práticas humanas e os processos associados com a produção dos objetos, enquanto que para o estudo das interações entre as pessoas e os objetos finalizados utiliza-se o termo cultura material.



O sistema técnico é composto pelos materiais e gestos empregados na produção da cultura material e é um dos elementos que compõe o sistema cultural. Sua reconstituição é feita através da descrição e organização de mais de um tipo de vestígio arqueológico, esta não corresponde à delimitação de um grupo cultural, visto que o sistema técnico é apenas um dos elementos que o compõe. Mas a reconstituição deste sistema pode ajudar a entender sistemas simbólicos e espaciais, por exemplo. A reconstituição do sistema técnico de um “grupo arqueológico” é tratada de forma similar à resolução de uma equação, em que algumas variáveis são dadas e com base nessas, as outras podem ser, se não solucionadas, ao menos inferidas. Neste sentido o vestígio cerâmico pode ser considerado como um dos mais completos, pois pode refletir aspectos econômicos e simbólicos de um dado sistema cultural.

Um sistema técnico de um determinado grupo pode ser composto por vários perfis técnicos e suas inter-relações, baseados, sobretudo, na descrição dos atributos visíveis, consequentemente das técnicas e matérias-primas empregadas na confecção e realização dos artefatos e registros rupestres.

270



Os elementos que formam o sistema técnico não devem ser isolados, mas a divisão é necessária para que se compreendam inicialmente as relações internas de cada perfil técnico. Posteriormente, devem-se compreender as inter-relações entre os diferentes perfis. É salutar observar, entretanto, que os grupos que faziam a cerâmica eram os mesmos que utilizavam outros tipos de matéria-prima como a madeira, pedras e cestaria, muitas vezes, até mesmo no processo de produção dos utensílios cerâmicos.

Ainda de acordo com Oliveira (2000), deve-se utilizar o termo “perfil cerâmico”, quando o perfil se referir apenas a um sítio e o termo “perfil técnico cerâmico” quando for feita referência a um conjunto de sítios e, consequentemente, a um “grupo arqueológico”. De acordo com Alves (1990), têm-se por perfil cerâmico: “ (...) uma estrutura caracterizada por elementos técnicos e morfológicos dos vestígios cerâmicos organizados segundo certas regras de hierarquias” (ALVES, 1990: 94).

A organização de certos atributos dos vestígios cerâmicos permite-nos avaliar a frequência e variação das técnicas utilizadas pelos grupos ceramistas para que possamos conhecer as escolhas feitas por cada grupo de acordo com seu próprio universo de possibilidades.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA ANÁLISE DOS FRAGMENTOS

O método utilizado para a análise dos fragmentos foi o método de análise direta utilizando

formulário manuscrito. Na sequência todos os formulários foram digitalizados em um banco de dados no Microsoft Access 2003 que possibilitou a correlação dos atributos. Antes da análise todos os fragmentos foram catalogados, limpos e numerados com caneta nanquim 0.1.

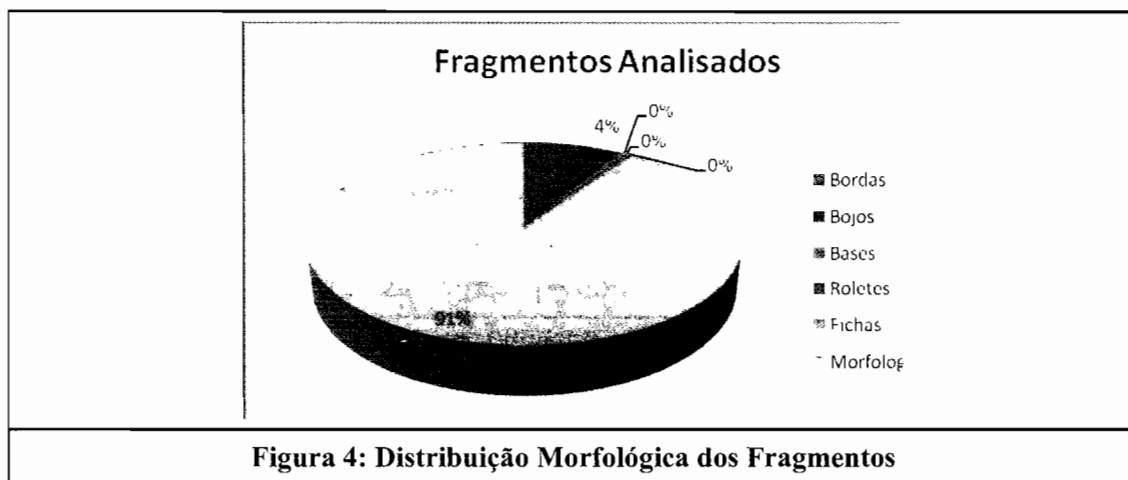
Alves (1990) e Luna e Nascimento (1994:13) propuseram a criação de *unidades de análise*, “conjunto de fragmentos com características comuns organizados pela técnica de tratamento de superfície externa e pelo tipo de antiplástico”, no entanto, devido à pouca diversidade observada no tratamento de superfície dos fragmentos, outros atributos como queima e textura foram também considerados na classificação. Optei por analisar individualmente os fragmentos por ter sido esta a primeira abordagem detalhada da coleção e justamente pela inexistência de parâmetros iniciais que permitissem que unidades fossem pré-agrupadas. É importante observar que o conceito de *unidade de análise* difere do conceito de *tipo tecnológico*, na medida em que o primeiro tem a finalidade de agrupar fragmentos que possam recompor objetos, enquanto o segundo tem função unicamente analítica, agrupando fragmentos que compartilham características referentes as matérias primas, técnicas empregadas e morfologia.

Os atributos observados foram: tratamento de superfície externo e interno, antiplástico, queima, técnica de manufatura, textura e dureza da superfície.



RESULTADOS DA ANÁLISE DOS FRAGMENTOS

Foram analisados um total de 1.384 fragmentos provenientes das escavações na área G do sítio SB1 realizadas em setembro de 2006 e fevereiro de 2009. Sendo um total de 70 bordas, 51 bojos, 6 bases, 2 roletes, 3 fichas, e 1.249 fragmentos de morfologia não identificada.



As técnicas de tratamento de superfície identificadas na análise foram o alisado, e o grafitado numa pequena quantidade de fragmentos. O grau de alisamento foi dividido qualitativamente em 4 categorias diferentes: bem alisado, alisado, mal alisado e grosseiro. Categorias assim definidas:

- *Bem Alisado* – Superfície completamente alisada, plana, sem aspereza, estrias, rachaduras, falhas ou buracos. Com pouco ou nenhum tempero aparente;
- *Alisado* – Superfície completamente alisada, pouco áspera, com poucas estrias, rachaduras, buracos ou outros defeitos. Com tempero aparente;
- *Mal Alisado* – Superfície alisada, áspera, com muitas estrias, rachaduras, buracos ou outros defeitos (por exemplo, marcas de espátula). Com tempero aparente;
- *Grosseiro* – Superfície com pouca aparência de alisamento, muito áspera, repleta de estrias, rachaduras, falhas, buracos e outros defeitos. Com muito tempero aparente.

Quanto à técnica de confecção, apenas 18 fragmentos demonstraram evidências claras da técnica empregada no momento da confecção, no caso a técnica de acordelado (negativo de rolete na fratura). Isso permite afirmar que esta técnica fosse largamente utilizada, assim como em outras cerâmicas indígenas encontradas na região Nordeste. No entanto as informações obtidas não permitiram afirmar ou negar o uso de outras técnicas.

Tabela 2: Distribuição do Tratamento de Superfície Externa nos Fragmentos

TRATAMENTO DE SUPERFÍCIE EXTERNO	QUANTIDADE
Bem Alisado	424
Alisado	322
Mal Alisado	456
Grosseiro	121
Alisado e Grafitado	6
Erodido	55
Total	1.384

De acordo com o modelo de classificação paradigmática de Dunnel, selecionaram-se os atributos “tratamento de superfície” e “antiplástico”. Considerando-os como atributos dimensionais as seguintes combinações são obtidas:



Tabela 3: Tipos Tecnológicos Organizados

Tipo Tecnológico	Antiplástico + Tratamento de Superfície
Tipo Tecnológico 1	Areia Fina / Alisado 1
Tipo Tecnológico 2	Areia Fina / Alisado 2
Tipo Tecnológico 3	Areia Média / Alisado 1
Tipo Tecnológico 4	Areia Média / Alisado 2
Tipo Tecnológico 5	Areia Grossa / Alisado 1
Tipo Tecnológico 6	Areia Grossa / Alisado 2
Tipo Tecnológico 7	Areia Fina e Mica / Alisado 1
Tipo Tecnológico 8	Areia Grossa e Frag. de Rochas ou Minerais / Alisado 1
Tipo Tecnológico 9	Areia Grossa e Frag. de Rochas ou Minerais / Alisado 2
Tipo Tecnológico Grafitado	Qualquer Antiplástico / Alisado e Grafitado

Como o interesse maior foi o de buscar recorrências, a intersecção dos atributos selecionados, em que o número de fragmentos contidos representa menos de dois por cento do número total de fragmentos analisados, não foi considerado como um tipo relevante e os fragmentos foram apenas citados. Os fragmentos grafitados, por possuírem características diferenciadas, foram tratados como um tipo único independente do antiplástico e da quantidade de fragmentos.

MÉTODOS E PROCEDIMENTOS UTILIZADOS NA ANÁLISE DOS OBJETOS

A análise dos objetos cerâmicos identificados na Serra da Barriga foi realizada através das peças inteiras ou semi-inteiras (com pelo menos 1/4 da peça original e que permitisse inferir a forma do objeto) encontrados em todo o sítio independente da Área proveniente e seus respectivos atributos tecnológicos. As etapas da análise foram:

1. *Limpeza e conservação dos objetos.*
2. *Classificação quanto à forma/função* - sendo as categorias relacionadas: urna, para vasilhames com forma periforme e que tivessem preferencialmente associados ossos ou restos humanos; opérculo, para vasilhames associados a contextos funerários e que ocupassem posição superior à urna tendo a função de tampar e proteger o conteúdo à mesma; vasilhame utilitário, para panelas, tigelas e outros vasilhames associados a atividades do cotidiano dos grupos ceramistas e



não relacionados a contextos funerários; e vasilhame utilitário/acompanhamento funerário, para vasilhames que tiveram, supostamente, funções relacionadas a atividades do cotidiano, mas, que foram encontrados em contextos funerários.

3. *Classificação quanto ao tamanho* – o tamanho foi estabelecido de acordo com o volume de cada vasilhame. Este foi medido através do aplicativo AutoCAD. Os parâmetros utilizados foram os mesmos de Oliveira (2000:153) Assim, vasilhames com tamanho pequeno tinham de 0, 150 L até 1 L; tamanho médio, de 1 L até 4 L; tamanho grande, de 4 L até 16 L; tamanho extra grande, de 16 L até o maior.

RESULTADOS DA ANÁLISE DOS OBJETOS

Foram analisados 10 vasilhames inteiros ou semi-inteiros distribuídos nas seguintes categorias: 4 “urnas”; 5 “vasilhames utilitários”, destes 3 faziam parte de contextos funerários; 1 opérculo. Entre as urnas, o tamanho variou bastante. Os objetos apresentaram tamanhos médio, grande e extragrande, variando de 2,6 até 186,4 litros. As urnas de tamanho médio e grande possivelmente estavam associadas a enterramentos secundários. As “urnas funerária 3 e 4” estavam associadas a vestígios ósseos queimados e a “urna funerária 4” possuía uma camada de queima interior que sugeria incineração. A função das mesmas, entretanto, é questionável devido ao fato de terem sido retiradas por agricultores. As urnas maiores também estavam associadas a materiais ósseos, embora na maioria dos casos sua conservação estivesse comprometida. Os tipos tecnológicos recorrentes foram os tipos “3” e “9”. Os “vasilhames utilitários” apresentaram tamanhos mais próximos. Predominaram os tamanhos médio e grande, variando de 1,7 até 11,7 litros. O tipo tecnológico mais comum foi o tipo “3”, mas ocorreram de forma singular também os tipos “1”, “4” e “5”. Apenas um opérculo foi identificado entre os vasilhames analisados. Este apresentou tamanho extragrande (34 litros) e tipo tecnológico “5”. A queima oxidada predominou entre todos os vasilhames, independente de tamanho e função. Apenas um “vasilhame utilitário” apresentou queima redutora.

DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Notou-se entre as “urnas” menores uma confecção mais refinada, referente ao “tipo 3”. Este tipo tecnológico apresenta a técnica de alisamento mais refinada na escala de alisamento e entre os antiplásticos os grãos de areia de quartzo de granulometria média que implica numa seleção acurada dos grãos possibilitando a retirada das partículas maio-



res. Se confirmada a função das urnas 3 e 4 e sua associação com rituais de incineração, sugere-se que vasilhames cerâmicos não teriam sido confeccionados exclusivamente para este tipo de enterramentos (secundários), mas apenas reutilizados após usos cotidianos.

As “urnas” maiores classificadas no tipo “9” apresentam uma confecção estrutural mais “robusta” com antiplásticos bem maiores, necessários para a sustentabilidade física do vasilhame e também para que este não rompa com o peso do morto. Com relação ao tratamento de superfície das mesmas, existe uma ambiguidade na classificação, embora se acredite que a presença dessas partículas grosseiras pode ter dificultado a execução de um alisamento de melhor qualidade como nos vasilhames menores e a acidez do sedimento em que estas foram retiradas pode ter resultado numa má conservação do tratamento de superfície, ocasionando uma aparência de erosão. O único elemento qualitativamente superior nessa categoria é a queima, na maioria oxidada. A espessura das paredes (sempre 1 cm) e a alta queima, já discutida, atestam para uma preocupação com a resistência destes utensílios.

Os “vasilhames utilitários”, em geral, possuem confecção e acabamento diferenciado das “urnas funerárias” (excetuando as menores com função em dúvida). Estes estavam mais bem conservados no momento da análise devido à umidade das camadas orgânicas em que os mesmos foram encontrados. O tipo “3”, predominante nesta categoria, tem bom alisamento e antiplástico de areia média que, como dito anteriormente, remete a uma seleção acurada dos grãos. O vasilhame proveniente da Área G (vasilhame utilitário 2) foi o único relacionado ao “tipo 1” e que apresentou queima redutora, ou seja, diferenciando-se em todos os aspectos dos demais. A relação entre a queima redutora e o tipo “1” apresentada por este vasilhame pode sugerir uma relação desse tipo de queima ao uso de antiplásticos com grãos menores ou ao interesse em retirar todas as “impurezas” da mistura, pois que é escassa a frequência de antiplásticos neste objeto. Entretanto a existência de apenas um vasilhame relacionado a esta categoria dificulta qualquer tipo de conjectura.

Outra situação de reutilização mais clara, por exemplo, é a dos vasilhames utilitários / acompanhamento funerário, que exerceram duas funções. A hipótese de novo uso seria menos provável em enterramentos primários devido à comum associação da forma “peri-forme” apenas com funções funerárias, além das diferenças tecnológicas encontradas nos dois contextos analisados.

Referindo-se à fase Aratu, Calderón (1969:166) afirma que o *engobo com grafite é bastante frequente*. De acordo com Chmyz (1976) tem-se por engobo “tipo de tratamento



que consiste em aplicar, antes da queima, uma camada de barro, mais espessa que o banho, com ou sem pigmentos minerais, na superfície do vasilhame” (Chmyz, 1976:13).

Entre os fragmentos analisados no sítio SB1 ocorreram, 7 fragmentos (provenientes de pelo menos dois vasilhames diferentes) identificados como grafitados. O processo pelo qual se adquiriu esta aparência pode ter sido uma queima diferenciada ou esfumamento. A pequena quantidade destes fragmentos e a existência de apenas um objeto encontrado na Área G (não analisado) impossibilitou levantar questionamentos sobre si os vasilhames com este tratamento de superfície tinham formas e funções diferenciadas (rituais ou não).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os atributos observados na cerâmica estudada foram similares aos encontrados em outras fases da tradição. Assim, a hipótese de que o perfil técnico cerâmico do sítio Serra da Barriga se assemelharia à descrição da cerâmica da tradição Aratu feita originalmente por Calderón (1971) foi confirmada.

276



O agrupamento dos tipos cerâmicos possibilitou caracterizar e sistematizar a cerâmica do sítio SB1 e, assim, entender algumas escolhas dos grupos ceramistas da Serra da Barriga. O estabelecimento do perfil cerâmico da Serra da Barriga representa a implementação desta metodologia em sítios filiados a Tradição Aratu. Em pesquisas futuras, comparações entre sítios diferentes poderão responder a questionamentos sobre a existência de semelhanças culturais entre grupos distantes (difusão) e semelhanças e diferenças entre grupos próximos com similaridades geoambientais.

Um maior número de estudos de caso envolvendo grupos ceramistas relacionados à tradição Aratu poderia ter permitido uma melhor avaliação das regularidades e das discrepâncias apresentadas pela cerâmica destes grupos. Os estudos dos sítios da região Serrana dos Quilombos contribuirão para o entendimento desta cultura em um nível regional. No entanto, para que seja possível o entendimento da mesma nos âmbitos de difusão e (ou) evolução local, é necessário que os sítios filiados a esta tradição sejam mais estudados, sobretudo na perspectiva ambiental, possibilitando assim comparações entre os mesmos. Posso considerar que esse estudo seja o primeiro passo de uma pesquisa futura com perspectivas ecológicas envolvendo um maior número de sítios filiados à tradição Aratu, em contextos ecológicos diferenciados observando como estes recursos foram aproveitados

na confecção da cerâmica, assim poderíamos avaliar o peso das tradições culturais frente à possibilidade de inovar oferecida por um ambiente com recursos diferenciados e, finalmente, obter uma caracterização regional-ecológica das tecnologias cerâmicas da tradição Aratu em suas diversas variações.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho é um resumo expandido de dissertação de mestrado apoiado pelo CNPq e apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Pernambuco sob a orientação do Scott J. Allen, Ph.D.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALLEN, S. J. 1995. *Of mosaics, syncretism, and creativity: the historical archaeology of Palmares, a seventeenth-century escaped-slave community*. Master dissertation, Brown University.

_____. 2000. “Identidades em jogo”. In: GALINDO, M. e ELIAS, J. (eds.). Índios do nordeste: temas e problemas 2. Edufal.

_____. 2001. “Zumbi nunca vai morrer”: History, the practice of Archaeology and race politics in Brazil. Ann Arbor, MI:UMI.

_____. 2006. “As Vozes do passado e do presente: arqueologia, política cultural e o público na Serra da Barriga”. *CLIO – Série Arqueológica* (UFPE), Recife, v. 20, p. 81-101.

278



_____. Arqueologia da região Serrana dos Quilombos. Relatório Parcial. Arquivado no NEPA/ICS/UFAL e 17a SR/IPHAN, Maceió

ALLEN, S. J., SURYA, L., COSTA, R. L. 2007. O Resgate de Palmares: preservação e estudo do patrimônio arqueológico da Serra da Barriga. Relatório de Pesquisa.

ALVES, C. 1990. *A Cerâmica pré-histórica no Brasil: avaliação e proposta*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

ANTUNES, C. 1973. *Wakonã-Kariri-Xucuru: aspectos sócio-antropológicos dos remanescentes indígenas de Alagoas*. Ed. Universitária. Maceió.

BRANDÃO, A. 1937. *A Escripta pré-histórica do Brasil*. (Ensaio de interpretação com um apêndice sobre a pré-história de Alagoas). Rio de Janeiro. Civilização Brasileira.

CALDERÓN, V. 1971. “Breve notícia sobre a arqueologia de duas regiões do Estado da Bahia”. In: EVANS, C. e MEGGERS, B. (ed.) *Programa Nacional de Pesquisas*

Arqueológicas: resultados preliminares do quarto ano 1968-1969. Publicações Avulsas. N. 15. Conselho Nacional de Pesquisas. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, PA.

CHMYZ, I. 1976. “Terminologia Arqueológica Brasileira para a Cerâmica”. *Cadernos de Arqueologia*. Ano 1. N. 1. Museu de Arqueologia e Artes Populares, Universidade Federal do Paraná.

DUNNEL, R. C. 2006. *Classificação em Arqueologia*. Tradução: A. G. M. Araújo. São Paulo: EDUSP.

FREITAS, D. 1990 [1971]. *Palmares: a guerra dos escravos*. 5. ed. Rio de Janeiro: Graal.

LIMA, C. F. M. 2006. *Padrão de Assentamento em Sítios Arqueológicos na Zona da Mata Norte de Alagoas e Sul de Pernambuco*. Dissertação de mestrado, Universidade Federal de Pernambuco, CFCH. Recife.

LIMA, J. M. D. de. 1990. Relatório da Perícia Arqueológica em Palmeira dos Índios – Alagoas. Recife, UNICAP.

LUNA, S.; NASCIMENTO, A. 1994. “Procedimentos para Análise da Cerâmica Arqueológica”. In: *Clio – Série Arqueológica*. N. 10. Universidade Federal de Pernambuco. Recife: Ed. Universitária V.1.

MILLER, H. M.L. 2007. *Archaeological approaches to technology*. Academic Press-Elsevier.

PEROTA, C. 1971. “Dados parciais sobre a arqueologia norte espirítossantense”. In: *Programa Nacional de Pesquisas Arqueológicas: resultados preliminares do quarto ano 1968-1969*. Publicações Avulsas. N. 15. Conselho Nacional de Pesquisas. Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia. Museu Paraense Emílio Goeldi. Belém, PA.



OLIVEIRA, C. A. 2000. *Estilos tecnológicos da cerâmica pré-histórica no sudeste do Piauí – Brasil. Tese de doutorado.* FFLCH, USP.

PROUS, A. 1992. *Arqueologia brasileira.* Brasília: Fundação Universidade de Brasília.

VERGNE, M.C.S. 1998. Relatório final do projeto de salvamento arqueológico de xingó. São Cristóvão, Universidade Federal de Sergipe/CHESF. (PAX)

